

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO**

Caroline Alda de Matos

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO:
a importância da rede de apoio à vítima.

Belo Horizonte
2009

Caroline Alda de Matos

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO:
a importância da rede de apoio à vítima.

Versão final

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia do Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima

Belo Horizonte
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO

APROVAÇÃO DEFESA DE MONOGRAFIA

CAROLINE ALDA DE MATOS

Aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e nove, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho, composta pela orientadora: Profa Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima e Prof. Ms. Carlos Eduardo Carrusca Vieira, Prof. Ms. Marcelo Cristiano de Oliveira Santos, para examinar a monografia intitulada "Transtornos de Estresse Pós- Traumático: A importância da rede de apoio á vítima" de **Caroline Alda de Matos**. Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da monografia, com a nota 95(noventa e cinco), conceito A.

Profa. Dra. Vanessa de Andrade Barros
Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Andrade de Barros, Coordenador(a)**, em 15/10/2021, às 18:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 informando o código verificador **1024351** e o código CRC **F7DCACFE**.

AGRADECIMENTOS

À Guilherme, que, desde o primeiro momento, se dispôs a participar deste estudo. Sua disponibilidade e franqueza foram fundamentais.

A todos os vigilantes que se dispuseram a participar, cansados após a jornada de trabalho ou interrompendo o descanso para nos atender.

Aos gestores da empresa na qual foi realizado este estudo, pela permissão e incentivo.

Ao Sindicato dos Vigilantes das Empresas de Segurança e Vigilância do Estado de Minas Gerais, que nos acolheu e apoiou em todos os momentos deste estudo, cedendo gentilmente as salas para realização das entrevistas.

À professora Maria Elizabeth Antunes Lima, pelas ricas orientações, cuidadosas leituras e minuciosas análises deste estudo.

À equipe de pesquisa de Análise Ergonômica e Psicossocial do Trabalho dos Vigilantes Patrimoniais e do Transporte de Valores, pela compreensão nas ausências e pelos questionamentos que em muito contribuíram para a crítica das análises deste estudo.

À minha família, amigos e namorado, pelo apoio, companheirismo e confiança!

A Deus, razão da nossa existência, fonte de força e inspiração em nossas vidas.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar o desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático de um vigilante vítima de assalto, após quinze anos de trabalho em diversos setores e condições penosas de trabalho. A demanda foi levantada durante a investigação das condições de trabalho de um setor que já foi assaltado por quatro vezes. Foram entrevistados, inicialmente, quatro vigilantes que trabalham atualmente no mesmo local, permitindo conhecer as condições precárias de trabalho e as vulnerabilidades do setor quanto à ocorrência de assaltos. Em seguida, foi realizado o estudo de caso com um vigilante que havia sido vítima de um dos assaltos, ficando afastado por oito meses do trabalho, com um quadro de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (F-43.1, CID-10). O estudo apontou que o adoecimento deste profissional está associado à experiência do assalto, agravada pela violência em que este ocorreu, e pela sucessão de acontecimentos imediatamente posteriores, que o impediu de ter acesso ao apoio sócio-afetivo necessário para se enfrentar os impactos de experiências traumáticas.

Palavras-chave: Transtorno de Estresse pós-traumático. Assalto. Vigilante. Rede de apoio.

ABSTRACT

This study objectives the analysis of a security guard after a post-traumatic stress disorder. The person was victim of a grand theft after fifteen years working and experiencing severe job conditions. The demand was raised during the investigation of working conditions in a sector that has been robbed four times. Initially four security guards which all work in the same area were interviewed. This allowed us to get to know the terrible working conditions and how vulnerable to theft the area is. This was followed by a case study with a guard who was victim of theft and was kept from doing his work for eight months. His condition was diagnosed as some sort of post-traumatic stress disorder (F-43.1, CID-10). This study revealed that his illness was associated with the violent theft experience followed by the absence of psychological support.

Keywords: Post-traumatic stress disorder. Robbery. Security guard. Psychological support.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ESTUDO DE CASO	10
2.1. Infância e vida familiar	10
2.2. A Vida adulta	11
2.3. História ocupacional pregressa	11
2.3.1. A experiência como vigilante	13
2.4. O último emprego	15
2.4.1. As condições de trabalho.....	16
2.4.2. O trabalho no posto C	17
2.5. O Assalto.....	19
2.6. Os afastamentos do trabalho	25
3. ANÁLISE DO CASO	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo refere-se à análise do adoecimento de um vigilante, com mais de quinze anos de atuação em diversos setores, afastado por oito meses do trabalho, após sofrer um assalto violento em seu setor, ao retornar do trabalho. Ele foi diagnosticado com Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e Episódio Depressivo Grave Sem Sintomas Psicóticos.

Como integrante de uma pesquisa que investiga as condições de trabalho e saúde dos vigilantes da região metropolitana de Belo Horizonte, um dos principais motivadores deste trabalho foi a possibilidade de estudarmos o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), cuja incidência tem sido cada vez mais freqüente nos contextos de trabalho, sendo que, muitos casos ou não são devidamente diagnosticados, ou são tratados de maneira negligente pelos empregadores e profissionais de saúde.

É importante frisar que, conforme Dorigo (2009), o TEPT é uma das poucas patologias em que há um consenso entre os autores sobre a sua causa, sendo esta sempre relacionada às condições da vivência do trauma, ou seja, levando em conta sua intensidade, número de exposições e o suporte oferecido ao sujeito após o evento traumático.

A demanda deste trabalho surgiu durante a investigação das condições de trabalho de um setor, aqui denominado Posto C¹, que foi quatro vezes alvo de ladrões. Os assaltantes, nas últimas três vezes, abordaram os vigilantes no trajeto e tiveram acesso ao Posto C, onde, além de roubarem arma de fogo, munições e colete à prova de balas, agiram com violência física e psicológica com os vigilantes, o que implicou afastamentos do trabalho e transferências de setor.

Ao iniciarmos o estudo, realizamos entrevistas com os vigilantes que se encontram atualmente no setor, identificando alguns problemas: as condições de trabalho precárias, o trabalho monótono e a localização do posto de trabalho que, por si só, traz riscos aos trabalhadores, seja pela dificuldade de acesso, seja pela necessidade de transitar por regiões totalmente desertas.

¹ Trata-se de um nome fictício

Após entrevistar os primeiros vigilantes, fomos apresentados a Guilherme², um colega que, após 15 anos de trabalho em diferentes setores, foi vítima de um assalto violento no Posto C, afastando-se do trabalho por oito meses, com o diagnóstico de TEPT. Desta forma, pudemos ter acesso à história de Guilherme, o que nos proporcionou a oportunidade de vislumbrarmos de uma maneira ampla as condições de trabalho nos diversos setores da vigilância (inclusive do Posto C) e identificarmos OS mediadores e nexos entre o adoecimento e o trabalho do vigilante.

Nossa opção pelo Estudo de Caso deveu-se ao interesse em conhecer, em profundidade, como se dá o processo de adoecimento no contexto de trabalho. Desta forma, perdemos em generalização dos dados, mas ganhamos em profundidade, que nos permitiu apreender melhor os mediadores e nexos entre o exercício de uma atividade profissional e o adoecimento mental.

Através do estudo de caso, procuramos reconstituir a trajetória da vida de Guilherme, tendo por base seu próprio discurso. Para tal, seguimos a proposta de Le Guillant (2006), que dá preferência à utilização das falas dos próprios pacientes, já que “esta linguagem popular, fruto de uma experiência individual e coletiva direta” parece mais capaz de tornar perceptíveis os aspectos sensíveis das situações do que qualquer “descrição ‘do exterior’ que se pudesse fazer a seu respeito” (Le Guillant apud Lima, 2006, p. 332)

O fundamento principal adotado neste estudo foi aquele proposto por Lima (2002a), ao referir-se à importância de se *respeitar a integridade ontológica das coisas e dos sujeitos*. Desta forma, nosso propósito foi o de dirigir o olhar na direção do nosso sujeito, tentando não julgarmos os fatos a partir de quaisquer idéias apriorísticas que pudéssemos ter a seu respeito, já que “*é o próprio objeto que nos fornece o caminho para conhecê-lo e decifrá-lo, sendo que o método, neste caso, não é construído no início, mas no final do processo*” (Chasin apud Lima, 2002a, p. 125).

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: no capítulo um, está exposta a trajetória de Guilherme, nos âmbitos pessoal e profissional, desde o primeiro até o último emprego, abordando os detalhes sobre o assalto e os afastamentos do trabalho. No capítulo dois, Análise do Caso, analisamos o adoecimento de Guilherme à luz das teorias sobre o tema.

² Trata-se de um nome fictício

Por fim, nas Considerações Finais, tratamos dos aspectos mais gerais relativos ao estudo, seus objetivos alcançados (ou não) e as perspectivas que ele abre para os interessados pelo tema.

2. ESTUDO DE CASO

2.1. Infância e vida familiar

Guilherme nasceu em Ponte Nova, em 1975. É o segundo de quatro filhos, sendo que a caçula é a única mulher. Seus pais estão vivos e continuam a morar em uma propriedade rural no interior de Minas Gerais, junto ao seu irmão mais velho.

Morou nesta fazenda com a família por toda a infância e adolescência. Todos os filhos trabalhavam com o pai e três ajudantes na lavoura e criação de animais, sendo que nem Guilherme, nem seus irmãos, recebiam em dinheiro pelo trabalho. Grande parte do que era produzido era consumido na própria fazenda.

Apesar de possuir diploma de ensino médio completo, estudou somente até a 6ª série, tendo, inclusive, sido reprovado por quatro vezes. Relata ter tido dificuldade em acompanhar as aulas pelo cansaço da rotina da fazenda, pela distância entre a fazenda e a escola (três horas de caminhada por dia) e pela falta de tempo para fazer exercícios em casa, devido ao grande volume de trabalho na fazenda.

Foi educado de maneira rígida e severa pelo pai, que sempre exigiu que os filhos trabalhassem na fazenda com responsabilidade e dedicação aos afazeres. Lembra-se de seu pai como um homem rígido, nervoso, impulsivo e trabalhador, dizendo ter herdado essas características.

As principais lembranças da infância se referem à rotina de trabalho na fazenda e ao contato com armas de fogo, que ficavam penduradas em todos os cômodos da casa. Era um costume da sua família andar armado nas festas da cidade, desde a época do seu avô. Desta forma, sua família sempre foi chamada para resolver conflitos, envolvendo-se nas brigas das festas da cidade. Guilherme atribui a estas situações o seu interesse por armas de fogo e o sonho de se tornar um policial, impedido pela falta de estudos

“E meu avô era muito respeitado. E aquilo veio, né, de geração em geração. (...) Ninguém lá de casa anda desarmado. (...) Arma de fogo lá é enfeite, todo cômodo tem pendurada uma cartucheira, carabina. Por isso que eu acho que eu tenho inclinação por arma de fogo. Eu queria ser policial, pra ter livre acesso à arma de fogo. Mas faltou estudo.”

2.2. A Vida adulta

Assim que completou 18 anos, Guilherme mudou-se para Belo Horizonte em busca de um emprego. Aos 25 anos, casou-se com uma prima de primeiro grau, com a qual teve um casal de filhos. Separaram-se em abril de 2008, apenas quinze dias após o assalto de que Guilherme foi vítima. A guarda dos dois filhos ficou com a mãe, mas Guilherme vê as crianças todos os fins de semana.

2.3. História ocupacional pregressa

Assim como a grande maioria das pessoas que vive na zona rural, Guilherme começou a trabalhar ainda na infância para ajudar a família. Aos cinco anos, já auxiliava o pai nas tarefas do dia a dia da fazenda, na colheita de café, debulhando milhos, alimentando porcos e nas tarefas com gados. Somente no domingo, ele e seus irmãos brincavam com brinquedos que eles mesmos construíam com sementes e frutos disponíveis na própria fazenda.

Durante a adolescência, Guilherme trabalhava das 5 da manhã às 6 da tarde, ocupando-se de inúmeras tarefas da fazenda, apesar de não considerar que aquelas atividades eram ‘trabalho’: *“Na roça a gente não considera ‘trabalho’ muito porque tá acostumado com aquele ‘normal’ ali, então é normal. A gente considera trabalho quando é carteira assinada.”* À medida que ele crescia, foi se tornando o ‘braço direito’ do pai, ao executar as tarefas mais importantes da fazenda, consideradas pelo pai como as que exigiam pessoas mais responsáveis.

Em 1995, a exemplo do irmão mais velho, ele saiu da fazenda com o objetivo *“tentar ganhar a vida, conquistar alguns bens”*. Por uma indicação de um tio que trabalhava em uma empresa de transporte intermunicipal, mudou-se para Belo Horizonte, já com a garantia de emprego de auxiliar de viagem. O serviço lhe agradou por lhe possibilitar conhecer muitas cidades. Permaneceu nessa empresa por 11 meses, tendo em seguida se mudado para São Paulo a fim de encontrar seu irmão e seus amigos da época da lavoura.

Ficou em São Paulo por 5 anos. A princípio, trabalhou de faxineiro em um prédio, depois, como porteiro em outro. Em seguida, foi trabalhar em uma metalúrgica, onde ficou

um ano e meio, na produção de rodas de carro. Achava esse serviço muito cansativo e perigoso, tendo relatado casos de acidentes de trabalho decorrentes do uso das máquinas na produção. Neste período, conseguiu construir dois barracões que eram alugados para garantir uma renda.

Em 1999, retornou a Minas Gerais para cuidar do seu pai que havia se acidentado enquanto adestrava um animal. Seus pais haviam se separado e sua mãe e os dois irmãos mais novos se mudaram para Belo Horizonte. Cuidou do pai até ele se restabelecer e conseguir ficar sozinho em casa, e retornou a Belo Horizonte. Relata que não pensava em voltar para a roça, pois já estava acostumado a ganhar seu salário: *“Estar na roça era trabalhar muito e ganhar praticamente nada.”* Então, voltou a Belo Horizonte com a mesma intenção: conquistar alguns bens.

Quando voltou para Belo Horizonte, ainda em 1999, Guilherme trabalhou como segurança de um bingo por três meses. Foi a primeira experiência na área de segurança, tendo realizado diversas atividades: era manobrista, porteiro, segurança no salão de jogos, trabalhando em esquema de rodízio entre as atividades existentes no setor. Nesta época, julgava o salão de jogos como o setor mais difícil de trabalhar pelos atritos com os clientes: *“Tinha os ricão lá, que a gente pedia pra eles e eles não obedecia o que a gente falava, tem dinheiro manda tudo, faz tudo que quer, né?”*

Após essa experiência, foi trabalhar em uma empresa de terceirização de mão-de-obra, como porteiro, por dois anos. Alocado em uma fábrica de parafusos, exercia funções de vigilante patrimonial e porteiro: ronda na área da empresa, observando quaisquer alterações no interior e nos arredores da empresa, controle de entrada de clientes e funcionários e vigilância da conduta dos funcionários no interior da empresa.

Em seguida, foi alocado em um depósito de gás, onde, contratado como porteiro, monitorava o setor com uma câmera, avisando os funcionários da segurança em caso de movimentos suspeitos. Esses eram muito comuns, devido à localização da empresa (rodeada por linha de trem e terreno baldio, onde se escondiam usuários de drogas) e à grande circulação de dinheiro, já que neste setor ficava a tesouraria da empresa, que abrigava os valores das vendas dos botijões de gás. Apesar de ser um setor vulnerável e visado por bandidos, ninguém trabalhava armado pelo risco de explosões dos botijões de gás.

Saiu desta empresa em 2001, sem tirar férias, e foi contratado por outra empresa de terceirização de mão-de-obra, que lhe daria a oportunidade de, posteriormente, trabalhar como

vigilante. Foi contratado inicialmente como porteiro, prestando serviços em um jornal de grande circulação no Estado, sendo responsável pela segurança e portaria da única entrada do local. Realizava o controle manual das correntes para entrada de veículos, anotação de recados dos funcionários em serviços externos e controle da entrada e saída de veículos da empresa. Pelo volume excessivo de trabalho, raramente conseguia se sentar. Este setor foi assaltado uma vez durante a folga de Guilherme.

Com a promessa da empresa de contratá-lo como vigilante, fez o curso de formação. Seu principal objetivo era aumentar sua renda, já que o salário de vigilante era maior que o de porteiro. Além disso, relata que gostava da escala de trabalho 12x36³ e julgava ser um serviço mais tranquilo que o de porteiro: “*A portaria tem que abrir portão, anotar muitas coisas. E o serviço de vigilante você trabalha menos com o corpo, mais com o psicológico.*”

2.3.1. A experiência como vigilante

A primeira experiência de Guilherme como vigilante foi em um posto de saúde, onde ficou por seis meses, até a empresa em que estava perder o setor. Considera a vigilância nesse setor um “*serviço desagradável*” pelos constantes atritos com os usuários protestando contra a demora nos atendimentos. Teve de utilizar força física por inúmeras vezes para resolver conflitos, imobilizando os usuários e solicitando o auxílio da polícia:

Lá era uma policlínica perto de vários aglomerados, tinha muita gente agressiva, às vezes, no direito deles, precisando de atendimento urgente. Tinha muito conflito nesse sentido. Querer atendimento rápido, querendo discutir com os médicos. Aí, a gente sempre tava em atividade. Sempre segurando as pessoas, barrando as pessoas, pra conter os pacientes. Às vezes, juntava ali, 5, 6 pacientes querendo quebrar, apedrejar os vidros, querendo brigar com os atendentes, achando que eles eram os culpados. Então, a gente tava sempre dando apoio pra eles (...) a gente tentava explicar pros pacientes que o atendimento estava lento e tal, que tá faltando médico, mas uns não entendia e partia pra ignorância. Então, eu tentava segurar, colocar pra fora da unidade, em casos pior chamava a viatura pra dar apoio pra gente.(...) Já tomei mordidas, arranhões, unha... (...) Tentava, mas quando não tinha jeito usava a força física mesmo. Pra imobilizar.

³ Escala de trabalho em que são realizadas doze horas de trabalho contínuas, intercaladas por trinta e seis horas não trabalhadas.

Após quase dois anos nesta empresa, sem tirar férias, Guilherme foi contratado por outra empresa onde trabalhou por três anos e meio. O primeiro setor em que foi alocado foi uma mineradora, que contratou serviços de vigilância devido à alta incidência de assaltos. Nesta empresa os vigilantes não tinham guaritas, ficavam em pé, posicionados à beira da mata, com arma de fogo mas sem colete à prova de balas.

Nessa mesma época, seu irmão mais novo, que trabalhava em uma fábrica de bicicletas como motoqueiro, foi abordado e assassinado por um assaltante com um tiro à queima roupa na cabeça, mesmo não tendo reagido ao assalto. Guilherme, assim que soube, foi ao local do crime e ainda viu o irmão assassinado no chão. Ele foi afastado por 15 dias do trabalho, período em que foi para o interior ficar com os pais. Esse foi seu primeiro afastamento. Ele reconhece alterações em seu comportamento, após o assassinato do irmão:

A gente procura ficar mais atento, né, na situação que aconteceu. Tem aquele ditado: ‘nunca vai acontecer com a gente, né?’ E, aí, no meu caso, sempre trabalhava atento, fiquei mais atento ainda. Qualquer pessoa que chegasse, pra você tratar como um suspeito, já como um conhecido, sempre desconfiando. E hoje, o bandido não vem nada escrito na testa “sou bandido”. É difícil identificar as pessoas hoje, é complicado.

Posteriormente, foi transferido para cobrir faltas de colegas em agências bancárias. Nesse setor, Guilherme encontrou dificuldades de se adaptar por não conseguir criar uma rotina de trabalho em função da constante mudança de agência, da falta de treinamento quanto às regras de trabalho de cada unidade e da dificuldade de se relacionar com os demais vigilantes, tornando esta atividade fonte de tensão e estresse:

Cê chega lá e nem te passa o serviço. Às vezes, chega um... um tá acostumado a entrar na porta giratória, trava, mas o vigilante que cê tá tirando a folga dele, ele já libera. Aquele cliente já questiona por que você não liberou, né, em vez do colega vim ‘não, pode liberar ele, ele já é conhecido’... e não [acontece]. Tem lugar que você vai, cê gosta de trabalhar naquele ambiente no banco, mas não acostuma com os colegas que você tem.

E cada banco é um sistema, é uma regra, né? São semelhantes, mas não são iguais. Tem banco que você não pode dar informação, tem outros que você já pode. Tem uns que você deve fazer aquilo ali, o caixa eletrônico deu problema e você é quem tem que chamar o ‘posso ajudar’ e tal. Aí, cê fica meio perdido.

Após ser transferido para um aeroporto, foi posteriormente alocado em um conjunto habitacional em construção, onde ficou por 6 meses. As condições de trabalho eram precárias: não havia local para alimentação ou higiene, nem água potável. Seu trabalho era realizado de

bicicleta, desarmado, fazendo a ronda de toda a área para evitar invasões. Estas invasões eram comuns, e tinham por objetivo o furto de materiais elétricos e hidráulicos, nas mais de 500 casas que faziam parte do conjunto.

Ao analisarmos sua história profissional progressiva, podemos perceber que Guilherme não sofreu nenhum acidente nem teve problema sério de saúde. Até então, o único afastamento do trabalho se deu após a morte do irmão mais novo. É importante frisarmos as precárias condições de trabalho a que se submeteu por todos estes anos, aliadas a um grande volume de trabalho, além de ter usufruído apenas uma vez de férias, por volta do ano de 2005, enquanto trabalhava na mineradora.

2.4. O último emprego⁴

Assim que saiu do conjunto habitacional, Guilherme foi escalado para atuar no posto C⁵, a fim de substituir dois vigilantes que iriam gozar férias. Trabalhou neste setor por aproximadamente dois anos.

O posto C pertence a uma grande empresa de transporte da região metropolitana de Belo Horizonte. Localiza-se a aproximadamente 20 km da região central da cidade, a 1500m de altitude⁶, cerca de 600m acima da capital. Trata-se de uma região de preservação ambiental, cujo acesso é restrito a poucas empresas. Para se chegar até o posto C, percorre-se uma Rodovia Federal e depois uma estrada sem pavimentação.

A própria localização do posto C é um dificultador para o trabalho dos vigilantes. Além de tratar-se de uma área de preservação ambiental, onde quase não há interferências humanas, o setor se localiza no alto de um morro cujo acesso final se dá por uma estrada sem pavimentação, estreita, escorregadia, com muitas curvas e cascalhos. Nestas condições, os vigilantes do setor lidam com a insegurança em trafegar em uma região praticamente deserta,

⁴ Este capítulo conta com os depoimentos de Guilherme e dos vigilantes que atuam no posto C, para que possamos ilustrar as condições de trabalho no setor.

⁵ Nome fictício.

⁶ A localização do posto em um dos pontos mais altos da região se deve ao fato de abrigar uma estação repetidora. Através dela, é possível que vários setores da empresa se comuniquem permanentemente via rádio. Essa forma de comunicação é crucial para a atividade da empresa, já que, além de os setores se localizarem em diferentes pontos da região metropolitana, contam com inúmeros trabalhadores em postos móveis ou em prestação de serviços.

rodeada por uma mata fechada, com riscos de acidentes com as motos utilizadas no trajeto, devido às condições do terreno:

A estrada lá não é boa, é muito arriscada, inclusive, já teve vários acidentes. Inclusive, uns pouco mais graves (...) A estrada é muito irregular, tem muito buraco e é muito arriscado. (...) Se você escorregar, se você derrapar ali, tá arriscado você cair pirambeira abaixo. (...) O maior perigo lá é buraco e cascalho. E as curvas, se você não prestar atenção, cê cai. Cascalho derrapa bastante, tanto pra carro quanto pra moto. É muito fácil cair.

Além do terreno, as condições do tempo influenciam diretamente a segurança do trajeto. Em se tratando de uma região montanhosa, é comum ter neblina, o que aumenta o risco de acidentes de trajeto:

Mas quando tá chovendo é um pouco complicado, você não tem noção. Desliza demais da conta. Se não tiver uma certa cautela, a gente cai mesmo, não tem jeito. Esses dias que tá chovendo, é muita neblina, neblina muito forte. Cê num enxerga daqui ali. Então, você junta neblina e piso escorregadio, aí, fica muito complicado.

Estas condições do trajeto exigem que os vigilantes trafeguem em baixa velocidade e atentos à estrada. Por tudo isso, os assaltos são facilitados e alguns vigilantes já foram abordados no trajeto por assaltantes.

O problema maior do vigilante é no trajeto, porque o cara tem uma insegurança muito grande, na hora que ele começa a subir. É um mato fechado, é um lugar apertado, onde o vigilante não tem a menor segurança. Ele passa ali dentro, sozinho, ele se sente inseguro.

A gente é muito vulnerável naquele lugar [trajeto]. Chegar 2 ou 3 ou 4 cara armado, né? Quê que você vai fazer, quê que você vai pensar? Porque ali é o seguinte: se o cara quiser matar o vigilante ele mata, ninguém vai saber, ninguém vai pegar. É muito arriscado, todo vigilante tem medo, sim, de fazer aquele trajeto.

Cada curva que você faz é uma expectativa [de ser abordado]. Todo dia, todo dia cê tem que ficar atento, você não sabe o que pode acontecer.

2.4.1. As condições de trabalho

A água existente no local, levada por um caminhão pipa, só é utilizada para limpeza dos ambientes e dos utensílios. Na falta de filtros em funcionamento no local, a água para consumo é levada de casa em pequenas garrafas:

Eu levo minha garrafinha e tomo essa água o dia inteiro, durante as 12hs [de jornada]. Eu chego à noite, minha esposa já pegou minha garrafa e já pôs no freezer. Aí, no outro dia, quando eu tiro ela, já tá pedra [gelo].

Além da ausência de filtros em funcionamento, no posto não há geladeira. A região é muito quente durante o dia, com o sol batendo diretamente na sala de monitoramento à tarde, o que faz com que os vigilantes improvisem a conservação dos alimentos levados nas marmitas em locais que julgam mais úmidos e frios da sala de monitoramento.

Por não possuir água encanada, a instalação sanitária é precária. O banheiro é constituído por uma louça sanitária colocada sobre uma fossa. Quando utilizado, fica inevitavelmente sujo.

O setor possui arma de fogo, munições, algemas e coletes à prova de balas. Não há registros de utilização da arma de fogo, sendo que estas são manuseadas, em geral, somente para conferência, ao iniciar a jornada de trabalho.

Por ser uma área de preservação, é comum encontrar na região e até mesmo nas instalações do posto C animais peçonhentos. Cobras, escorpiões e aranhas fazem parte do cotidiano dos vigilantes e são mais uma fonte de tensão no trabalho do setor. Vários animais já foram mortos com rodos de limpeza pelos próprios vigilantes. A sala de monitoramento, principalmente à noite, tem as frestas tampadas por um pano de chão para dificultar a entrada de animais, tal como já fizeram aranhas e serpentes.

2.4.2. O trabalho no posto C

A vigilância do setor é permanente, 24 horas por dia, 7 dias por semana, sendo realizada por 4 vigilantes em escala de revezamento, contratados por uma empresa terceira. Os vigilantes trabalham em dias alternados e em regime de turno fixo, sendo um vigilante por turno.

O principal objetivo do trabalho dos vigilantes no posto C é a preservação do patrimônio, de modo a evitar que a comunicação não cesse: fios de cobre aterrados nas canaletas⁷, geradores de energia nas salas do posto C e antenas de comunicação na torre. Eles

⁷ As canaletas percorrem os arredores do posto C e abrigam cabos de cobre, essenciais no fornecimento de energia ao setor. Extremamente visados devido ao alto valor de mercado, já foram alvo da ação de ladrões, que abriram as canaletas e retiraram os cabos.

contam com uma câmera de monitoramento que lhes possibilita observar, com um ângulo de 360°, qualquer anormalidade na região e nas empresas vizinhas ao posto C.

Como não há permissão para saírem do setor, o monitoramento por câmera é uma das únicas atividades possíveis aos vigilantes no posto C. Eles utilizam a área externa do posto somente quando chegam para a jornada de trabalho, momento em que fazem uma rápida ronda nos arredores do posto para averiguar se não há anormalidade, e quando vão embora do setor.

No posto C há uma torre sobre a qual estão instaladas antenas da estação repetidora, de empresas de telefonia e de uma rádio. Para cada uma dessas empresas que locam a torre do posto C para a colocação de antenas há uma sala cujo acesso é restrito aos seus técnicos, que frequentemente se dirigem ao setor para realizar as manutenções necessárias. Estas visitas não são avisadas previamente à central da empresa, cabendo aos vigilantes identificar os profissionais e solicitar a autorização de suas entradas aos supervisores.

Os contatos com os supervisores somente se fazem necessários em casos de anormalidades no setor, como interrupção do fornecimento de energia elétrica, visita dos técnicos para manutenções e atrasos dos vigilantes do turno seguinte.

O trabalho neste posto é, portanto, monótono e solitário. Para lidar com essas características, os vigilantes criam estratégias de executar atividades que não são relacionadas diretamente à vigilância do setor, tais como ler, ouvir música, limpar o setor (capinar, varrer, lavar) e cozinhar. Embora sejam, aparentemente, desvinculadas de suas atribuições, são essas atividades que lhes permitem lidar com a monotonia e realizar seu trabalho.

O trabalho solitário, apesar de aumentar a sensação de monotonia do posto, é visto como a única alternativa pela empresa, uma vez que, quanto mais vigilantes no setor, maior a quantidade de armas e coletes, o que implicaria maior risco de assalto.

É importante frisar que em diversos momentos de seu histórico ocupacional Guilherme ressaltou o quanto considera ser melhor trabalhar em empresas, por se criar uma rotina que permite conhecer as pessoas que circulam por ali, aumentando assim a sua sensação de segurança:

Por isso, trabalhar em empresa é mais tranquilo, porque todo dia é as mesmas pessoas que cê vê entrando ali, do que cê trabalhar num setor aberto, com público, principalmente banco. No meu modo de pensar, é muito complicado. (...) Muitas pessoas, cê não conhece, cada dia é um tipo de pessoa que entra ali (...) Empresa

não, chegou uma pessoa ali que não é do dia a dia, você já vai tratar ela diferenciada, como um cliente ou outro tipo de pessoa.

Talvez por ter tal característica, Guilherme se adaptou muito bem ao posto C, e foi graças à monotonia deste setor que ele conseguiu conciliar seu trabalho ali com outra atividade profissional. Após aproximadamente um ano de trabalho no posto C durante o dia, por seis meses, Guilherme conciliou o trabalho de vigilante com o de inspetor de segurança, em horário noturno, contratado por outra empresa de vigilância. Na época, ele saía do posto C às 18 horas, começava a trabalhar às 19 horas do mesmo dia como inspetor e ficava até as 7 horas da manhã do dia seguinte. Trabalhava 24 horas seguidas e descansava 24 horas. Relata ter conseguido fazer isto devido às características do posto C:

Dava porque o posto C é tranquilo, dá pra você ficar sentado, não tem muito trabalho com a mente e nem com o corpo, isso dá proê trabalhar nesse outro mais tranqüilo. Porque cê chegava lá, fechou tudo, e ficava sentado de frente pra câmara, tinha pouco movimento, dificilmente cê ficava em pé muito tempo. Era um setor que cê ficava descansado, quase não cansava. Aí, eu optei por esse outro serviço também, porque não era muito pesado. (...) Dava pra levar.

Ao conciliar essas duas atividades, Guilherme trabalhava 24 horas seguidas, o que implicaria dentre outras consequências uma diminuição no convívio social e familiar. Guilherme deixa clara a importância que o retorno financeiro do seu trabalho sempre teve para ele. A vontade de trabalhar para adquirir bens foi um dos norteadores da sua vida profissional, fazendo com que se sujeitasse até mesmo a trabalhar 24 horas seguidas para melhorar as condições financeiras e, principalmente, garantir um futuro melhor para seus filhos.

2.5. O Assalto

O assalto aos vigilantes do posto C se deu como um desdobramento do assalto que estava em andamento em uma das empresas da região. Os assaltantes, dois adolescentes e um adulto, roubaram um grande número de ferramentas desta empresa e precisavam de um veículo que pudessem utilizar para levar os objetos roubados.

Nesta época, a moto utilizada no trajeto entre a Central e o posto C estava com o documento vencido e a maneira encontrada pela empresa para levar o vigilante da noite foi

escalar um supervisor para realizar o trajeto com um carro da empresa. O supervisor do turno da noite saiu da Central às 19 horas, chegando ao posto C por volta das 20 horas, mesmo sabendo que o horário de troca de vigilantes deveria ocorrer às 18 horas. Apesar do atraso de aproximadamente duas horas em relação ao horário prescrito, esta situação era considerada normal devido ao trânsito intenso do horário e à possibilidade de ter acontecido algum imprevisto no trajeto.

Quando o supervisor e o vigilante chegaram à portaria que dá acesso ao posto C, abriram o portão de entrada e deixaram-no aberto para facilitar o retorno. Neste intervalo, ao ver a movimentação no portão, o funcionário rendido na empresa que estava sendo assaltada informou aos assaltantes que o veículo se dirigia ao posto C, mas retornaria em breve. Este era o veículo que os assaltantes precisavam para levar as ferramentas roubadas; por isso, eles trancaram o portão e esperaram o veículo na mata. Assim que o veículo voltou, com Guilherme e o supervisor, parou defronte o portão fechado e foi rapidamente rendido pelos três assaltantes:

Chegando ali embaixo, o portão tava fechado. Aí, o supervisor parou: ‘uai, eu deixei esse portão aberto, por que que tá fechado?’ No que a gente parou, veio um do meu lado, um do lado dele, outro na frente, tavam escondido no meio do mato. Foi assim, coisa rápida. Chegou, já embicou o revólver na gente, rendeu a gente, um ficou com ele, outro me pegou, nós descemos do carro, eles fez a gente descer aquele trajetozinho pra gente ir pro setor [que estava sendo assaltado] lá embaixo. E um pegou o carro.

No primeiro momento, Guilherme não acreditou que ali começaria um assalto. Achou tratar-se de uma brincadeira, um susto que alguém estaria dando nele e no supervisor:

No início, eu achei que era brincadeira. Na hora que deu o ‘pulão’, assim, eu pensei que pudesse ser algum conhecido. Mas depois, a ficha foi caindo: ‘é assalto mesmo’. Eu nunca tinha passado por isso dessa forma, três pessoas duma vez. Achei que fosse uma brincadeira mesmo, dando susto na gente. Mas depois, eu vi que era sério mesmo.

Após o anúncio do assalto, Guilherme e o supervisor foram encaminhados à empresa que estava sendo assaltada. Lá, encontraram um funcionário amarrado e os objetos do roubo empilhados: ferramentas, roçadeiras e motosserras. Em seguida, ele e o supervisor foram amarrados, despidos (ficando ambos somente de cueca) e agredidos com coronhadas, tapas, chutes e socos. Eles foram obrigados a dar informações sobre o posto C, já que os assaltantes

queriam saber se havia mais algum objeto que pudesse ser roubado. Como era a primeira vez que o supervisor ia ao posto C, Guilherme tornou-se o centro das atenções, sendo ameaçado de morte a todo momento para que dissesse a verdade:

Eles sempre ameaçando: ‘se ocê tiver mentindo eu vou te matar’ (...) colocava a arma dentro da minha boca diversas vezes... um revólver num ouvido, outro no outro, coronhada. E aí, perguntou quem trabalhava lá em cima, eu falei que era eu. O supervisor disse que era a primeira vez que ele ia ali.

Guilherme relata que foram mais de duas horas de perguntas e violência por parte dos assaltantes, que não sabiam a viabilidade de ir ao posto C roubar a arma e o colete à prova de balas utilizados pelos vigilantes. Ele agiu, durante todo o assalto, cooperando com os assaltantes na tentativa de acalmá-los e de fazer com que a situação se resolvesse o mais rápido possível:

Eu colaborava pra acabar o mais rápido possível e acalmar eles, né? Pra que eles não fizessem nenhuma bobagem. Eu percebi na hora que eles não era ‘ladrão com experiência’, né? Tava começando, tal, como se diz, não era ‘profissional’. Não sabia nem pegar a arma direito, nem manusear a arma. Às vezes, pegava dois revólver numa mão só, dava muito vacilo, muita oportunidade pra gente reagir.

Guilherme pensou diversas vezes em reagir, mas não o fez por não conhecer o supervisor que o acompanhava. Como não trabalhavam juntos, não sabiam códigos para se comunicarem e elaborarem uma estratégia para reagirem, juntos, ao assalto:

Pensei em reagir, mas só que era a primeira vez que eu encontrava com o supervisor. E a gente não tinha, assim, uma estratégia. Quando a gente tá acostumado a trabalhar, a gente já tem os códigos, e se a gente conhecesse bem um ao outro a gente podia, no tempo certo, reagir, os dois juntos. Como eu não tinha intimidade com ele, não conhecia direito, eu reagir sozinho, não tinha jeito. Com três, não tinha jeito. Se a gente combinasse alguma coisa antes, a gente teria um sinal. Aí, dava o sinal, um gesto, qualquer coisa, dava pra gente reagir.

Guilherme prestava atenção em tudo o que eles faziam, desde o momento em que foi amarrado pelos assaltantes. O fato de observá-los era percebido como uma desobediência, que implicava ainda mais agressões ao vigilante:

A gente teve oportunidade de reagir, tomar as armas deles. Na hora que eles ia revirar as coisa, às vezes, até deixava as arma no chão. Não amarrava a gente bem amarrado, dava pra nós desamarrar. O lugar era pirambeira, dava pra gente dar uma

cabeçada nele, jogar eles com arma e tudo lá embaixo, sair correndo. Vários momentos, mas não tinha nada combinado com o supervisor, nem nada. Eu ficava atento a todas as oportunidades, às vezes eles até me batiam um pouco a mais, porque eu ficava olhando pra eles, eles não queriam que eu ficasse olhando pra eles. Eu ficava olhando pra ver a possibilidade de reconhecer depois, e mesmo de reagir.

Guilherme tentava fazê-los desistir de assaltar o posto C, utilizando diversos argumentos: *“Eu disse a ele que lá é de difícil acesso, que lá tem que ter senha, que o vigilante não vai abrir pra eles se não tiver a senha, e nesse horário também ninguém vai lá, ele vai desconfiar. Fiz de tudo pra eles não ir lá, né? Mas não teve jeito.”*

Os assaltantes decidiram assaltar também o posto C, levando Guilherme para guiá-los até o setor e fazer o vigilante abrir o portão. Guilherme foi levado ainda amarrado no banco de trás do carro com os três assaltantes. Ele relata que o trajeto foi um momento de grande tensão, pois os assaltantes não conseguiam guiar o veículo adequadamente naquele tipo de terreno:

Aquelas curvas é muito a pique lá, e o carro era um golzinho 1.0, cheio de ferramenta, quatro pessoas dentro dele, chegava naquelas curvas fechadinhas, o cara não sabia dirigir direito, o carro apagava, morria. Começava a voltar, em tempo de cair no buraco, com nós tudo. Aí, eu falei com ele: ‘se sair fora dessa trilha aqui não vai sobrar nada de nós, não’.

O vigilante pensou em se oferecer para guiar o veículo até o posto C, tamanha era a tensão gerada pela dificuldade do assaltante em conduzir o veículo pelo trajeto, mas não o fez. Entretanto, cooperava com os assaltantes ao alertar sobre as dificuldades do trajeto, dar dicas sobre os locais com buracos, antecipar curvas perigosas e até mesmo dar orientações sobre o modo de guiar o veículo. Após as dificuldades e tensões do trajeto, os assaltantes e Guilherme chegaram à frente do portão de entrada do posto C e o vigilante foi quem comunicou o assalto.

Ao terem acesso ao posto C, os assaltantes roubaram a arma utilizada pelos vigilantes e o colete à prova de balas. Despiram o outro vigilante, deixando-o também somente de cueca, amarraram seus braços e pernas. Agrediram os dois, já amarrados, ameaçando-os de morte por diversas vezes. Em seguida, colocaram Guilherme novamente no banco de trás do veículo e o outro vigilante no porta-malas, e desceram rumo à bifurcação⁸. Era a única

⁸ A bifurcação é o ponto de interseção entre a estrada que dá acesso ao posto C e uma estrada que se origina em uma região populosa e perigosa de Belo Horizonte. Sobre este atalho rumo à região do posto C não há quaisquer

maneira de sair da região sem passar novamente pela portaria, já que alguém poderia ter chamado a polícia.

Neste intervalo, o vigilante e o supervisor que ficaram rendidos empresa já tinham se desamarrado e chamado a polícia. Enquanto o veículo roubado seguia em direção à bifurcação, viaturas de polícia se aproximavam do local. Como estas não utilizavam sirene, os assaltantes não haviam percebido que estavam sendo procurados. Enquanto isso, o veículo com os assaltantes derrapava em um trecho e eles utilizaram Guilherme e o outro vigilante como contrapeso para o veículo seguir, colocando-os deitados no capô do veículo:

Aí, tinha uma estradinha, um morro lá, o carro agarrou, tava meio molhado. Aí, o carro não queria subir. Pegou eu e o parceiro meu, pôs em cima do capô, com a mão amarrada, os pé amarrado, pra pesar, pro carro não patinar, pra ver se subia. Aí, pelejando lá no escuro, tava em tempo da gente cair lá na frente da roda.

Enquanto tentavam fazer o carro seguir, os assaltantes avistaram a viatura de polícia. Abandonaram o veículo, desamarraram os pés dos vigilantes e os levaram na fuga. Conseguiram levar alguns objetos do roubo, tais como mochilas, jaqueta de couro, alianças, relógios, dinheiro, arma e colete. Eles corriam na frente, mas chamavam os vigilantes para acompanhá-los, ameaçando-os com a arma. Guilherme resolveu armar um plano para fugir daquela situação, que deu certo:

Eu cochichei, falei baixinho com meu amigo: 'vão manear aí e vão cair no mato'. Aí, tomou uma distância, eu falei: 'é agora'. Aí, ele voltou correndo e eu pulei no mato. Aí, eles seguiram, foram embora.

Quando os assaltantes já estavam longe, o outro vigilante saiu do mato e foi surpreendido por uma viatura da polícia que quase atirou nele por achar que fosse um dos assaltantes. Depois desse quase equívoco, o vigilante disse aos policiais que havia outra vítima amarrada no meio do mato. Os policiais abordaram Guilherme da mesma maneira, com arma em punho. Neste momento, chegaram mais de 15 viaturas, policiais com cachorros e helicóptero, mas a polícia não perseguiu os assaltantes.

fiscalização e controle de veículos e pessoas. Através dele, criminosos podem ou ter acesso à estrada do posto C ou fugir rumo ao bairro após assaltar alguma empresa da região, sem passar pela portaria.

Ao lembrar os acontecimentos, ele acha que foi importante não ter encontrado com a viatura quando ainda estava com os assaltantes no carro, porque os próprios policiais disseram que atirariam no veículo antes de saber se havia reféns:

Outra coisa que os policial falou: se tivesse topado, encontrado com a gente, ia ‘sentar o dedo no carro’, não ia querer saber quem é que tava dentro do carro. O quê que ia acontecer? Eu acho que eles ia abandonar o carro, eu atrás no banco de trás e o outro no porta-mala, eles iam abandonar o carro, o carro ia descer aquelas pedreira abaixo, e ia acontecer uma coisa pior. Eu achei a situação de risco mais nesses momentos.

Guilherme lembra ainda foi ameaçado de morte por diversas vezes durante o assalto:

Um deles, colocou dois revólver, um num ouvido, outro no outro: ‘se seu colega não abrir nós vão te matar’, ‘se ocê tiver mentindo nós vão te matar’(…) ‘vão matar ele agora?’ Aí, o outro falava assim: ‘se nós matar ele agora, como nós vamos subir com ele lá em cima? Quem vai mandar abrir lá pra nós?’

Guilherme diz que temeu muito sofrer um tiro acidental:

Achei que eu ia morrer não, achei que poderia, tipo assim, várias vezes, levar um tiro acidental. Eles não tavam sabendo manusear a arma de fogo. Como diz o outro, era aqueles ladrão pé de chinelo, porque na hora que pegou o revólver, eles ficaram encantados com o revólver: ‘nó, que revólver novo, que revólver bonito’. Ladrão pé de chinelo mesmo.

Guilherme manteve-se aparentemente calmo durante o assalto, procurando agir o mais racionalmente possível. Assim que encontrou os supervisores, que estavam juntos com a polícia, ele sentiu o alívio por estar a salvo e, nesse momento, ‘a ficha do assalto caiu’. Considera este momento como um ‘desabafo’, em que pôde exprimir o alívio pelo fim da experiência:

Aí, desabafei mais mesmo quando chegou o supervisor chegou. O outro vigilante começou a chorar, a pensar no filho dele, falando pros nossos supervisores. Aí, ele começou a ficar emocionado, eu também comecei a ficar emocionado, comecei a lembrar mais forte o que aconteceu: ‘terminou, graças a Deus, tamo salvo’. Choramos não sei se foi alegria, deve ter sido de alegria mesmo que a gente chorou. E alívio, não sei. Por a gente estar ali, seguro, com a polícia, os supervisores da gente. Mais um desabafo mesmo.

2.6. Os afastamentos do trabalho

Guilherme afastou-se pela primeira vez imediatamente após o assalto. Encaminhado a um pronto-socorro, foram realizados exames médicos, emitida a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) e concedidos seis dias de abono médico.

Ao chegar a sua casa na noite do assalto, não conseguiu dormir. Relembrava os acontecimentos sentindo que *'caía na realidade'*.

No dia seguinte, voltou sem sucesso ao local do assalto para tentar recuperar algum dos seus pertences: aliança, relógio, celular, jaqueta de couro, capacete, capa de chuva, bolsa, R\$ 400,00 em dinheiro, vale-transporte, cartão de recarga de celular. Relata estar tranquilo ao retornar por achar que, por ser de dia, os assaltantes não estariam ali.

Mas foi neste período que Guilherme começou a apresentar os primeiros sintomas do seu adoecimento. Retraiu-se em casa, evitando quaisquer contatos com pessoas que não fossem do seu convívio diário: *"queria ficar é perto dos meus menino, ficar mais é em casa."*

Além disso, passou a se alimentar menos e dormir pouco, sendo que, ao dormir, sonhava com frequência com temas relacionados ao assalto: armas de fogo, tiros, assaltos, bandidos: *"Sempre meu sonho envolve tiro, arma de fogo, sempre tem. Até hoje. Antes, eu lembro que até tinha, menos, bem menos."*

Mesmo permanecendo grande parte do tempo em casa, saindo somente em casos de extrema necessidade, passou a se sentir inseguro, vivendo na constante tensão de ser novamente assaltado. Passou a temer realizar tarefas simples do dia a dia, como abrir o portão de casa ou atender à campainha:

A gente ia sair, saía ou tocava a campainha, aí, já vinha aquela sensação: 'será que pode ser bandido querendo me assaltar?' Parece que é uma experiência a mais na sua vida, cê tem mais atenção pra atender o portão.

Para amenizar a sensação de insegurança, instalou, logo após o assalto, uma câmera de segurança próxima ao portão de entrada de sua casa, com a qual identificava quem tocava a campainha: *"Em casa mesmo, eu fiz umas modificações, coloquei câmera no portão, do lado de dentro dá pra ver quem tá te chamando. Se não aparecer de frente a câmera lá, eu não atendo."*

Além disso, ao sair de casa, temia ser abordado ao retornar, o que implicava uma ‘ronda’ no quarteirão para verificar se não havia nenhum ‘carro suspeito’, próximo à sua casa: *“Na hora que eu chego em casa, se tiver algum carro parado perto, próximo à minha casa, eu procuro não chegar entrando em casa diretamente, eu dou uma volta no quarteirão.”*

Tais alterações no seu comportamento, caracterizadas por ele como ‘uma atenção a mais’, aconteceram após o assalto. Constatamos também que, além do ‘excesso de atenção’, Guilherme passou a ter a sensação de estar sendo seguido: *“Cê vem aqui no centro, cê procura observar mais quem vem atrás de você, parece que dá uma sensação de que tem alguém te seguindo.”*

Nesta época, foi acompanhado por uma psicóloga disponibilizada pelo convênio da empresa de vigilância, com a qual “desabafava”.

Após os seis primeiros dias, voltou ao trabalho, onde foi alocado em outro setor e em outras condições. Passou a trabalhar à noite, armado, em um setor com grande movimentação de pessoas. Não conseguiu se adaptar a este novo posto, tanto por estar acostumado a trabalhar em setores menos movimentados, quanto por, devido ao assalto, sentir-se inseguro e exposto a um novo encontro com os assaltantes do posto C. Vivia em constante tensão, pronto a reagir a qualquer estímulo, inseguro consigo mesmo por portar uma arma de fogo nessas condições.

A grande movimentação de pessoas criava uma situação favorável para que Guilherme encontrasse na multidão pessoas com semelhanças físicas com os assaltantes do posto C. Esta identificação precipitada e equivocada colocava-o pronto a reagir:

Cê tá trabalhando ali, preocupado demais, ficava ali lembrando dos cara lá no posto C. Cê tava num setor movimentado, cê tava ali no meio do povo. Vinha alguém semelhante aqueles ladrão ali, cê achava, tava em tempo docê abordar a pessoa errada.

Além de perceber semelhanças, Guilherme procurava identificar os “suspeitos” na população, isto é, pessoas com atitudes e fisionomia semelhantes aos assaltantes, e ficava ansioso, temendo ser novamente assaltado:

Aí, vinha alguns cara ali, a meu ver suspeito, eu pensava: ‘será que vai vim me assaltar?’ Tipo assim, algum tinha alguma semelhança com um dos que me

assaltou: 'será que é aquele, será que não é aquele?' 'Aí, eu ficava preocupado com minha própria reação, antes de chegar perto de mim eu ia abordar ele. Ficava pensando muito nisso.

Guilherme temia ter sua arma roubada e sofrer um novo assalto e, diante de tanta tensão, reagir à situação, sem pensar:

Sentia inseguro comigo mesmo, né, igual nesse novo setor o movimento é muito grande até às 23 horas, né? Aí, ficava lá, muito tenso, ficava com medo de alguém passar e tentar tomar a minha arma de fogo, me assaltar, e mesmo com os colegas perto me sentia inseguro ainda. Às vezes, ia... tinha alguns furos em outro setor, a gente ia pra [outro setor], ficava no escuro, qualquer vulto já ia sacando a arma. Eu acho assim, a gente precipitava um pouco.

Guilherme percebe a influência do assalto no seu comportamento, chegando a relacionar a menor tolerância às situações com esta experiência:

Às vezes, se não tivesse acontecido esse assalto, a gente tinha uma tolerância a mais. No meu modo de pensar, era isso. Eu tava pronto pra reagir a alguma coisa, antes de agir em alguma situação.

Apesar de ter sido o setor onde foi assaltado, Guilherme gostaria de ter retornado ao posto C. Acredita que se tivesse voltado para lá, ou para outro setor sem movimentação de pessoas ou situações de estresse ou tensão, talvez pudesse ter 'aguentado mais':

Eu voltei a trabalhar com o sentido deles me mandarem pro mesmo setor, eu não queria perder minha vaga lá no posto C. Lá, era tranquilo, dava pra eu conseguir ficar calmo, pensar na vida. Mas lá embaixo [novo setor], eu desanimei. (...) Mas eu tivesse voltado pro posto C, talvez eu ia agüentar mais, pra não perder o setor.

Ele já não queria mais trabalhar, principalmente por não conseguir se adaptar às mudanças na sua rotina de trabalho, ao mesmo tempo em que constatava as mudanças em seu comportamento após o assalto.

Vários acontecimentos ocorreram nesse mesmo período. O primeiro deles, considerado por ele como a 'gota d'água' para o agravamento do seu adoecimento, foi a sua separação, quando sua esposa saiu de casa, levando seus dois filhos:

Eu acho que, às vezes, se não tivesse acontecido a separação, eu acho que até talvez daria pra eu continuar trabalhando. Descontrola muito, perder a esposa, os filhos

sair, chorando. Aí, eu acho que juntou tudo no mesmo tempo. (...) Sei lá se a ficha do assalto foi cair depois, juntou isso aí.

A separação do casal foi motivada pelos constantes atritos que Guilherme tinha com o sogro e o cunhado. A esposa não concordava com o fato de Guilherme não aceitar a conduta de seu pai e irmão, que realizavam furtos e roubos e queriam guardar os objetos na sua casa, bem como ficarem hospedados lá para fugir da polícia. Guilherme era terminantemente contra essas atitudes, e se recusava não só a acobertar os crimes, como também a deixar que seus filhos ficassem próximos a situações desse tipo. Além da separação, Guilherme viveu momentos de tensão com a família da ex-esposa, marcados por brigas e ameaças.

Duas semanas antes do assalto, Guilherme conseguiu vender dois barracões de sua propriedade em São Paulo. Com o dinheiro da venda, ele planejava construir novos barracões, para garantir uma renda extra para a família. Para tal, chamou dois amigos de sua terra natal, que eram pedreiros. A obra iniciou antes do assalto, sendo que os trabalhadores dormiam na sua casa. Logo após o evento, o servente de pedreiro desapareceu, aumentando a angústia de Guilherme por se sentir responsável por ele, já que era analfabeto e não conhecia nada em Belo Horizonte:

O assalto, as mudanças em seu comportamento, as dificuldades em se adaptar ao novo setor, a insegurança e a tensão por ter de portar uma arma de fogo, a separação da esposa e filhos, os desentendimentos com a família da ex-esposa e o desaparecimento do servente do qual se sentia responsável, fizeram com que Guilherme não conseguisse mais trabalhar. Acompanhado por uma psicóloga, foi encaminhado a um médico psiquiatra e afastado por duas vezes, em dois períodos de 5 dias, respectivamente. No final do último afastamento, foi encaminhado ao INSS com o diagnóstico de Estado de Estresse Pós-Traumático (CID-10, F43.1) e de Episódio Depressivo Grave Sem Sintomas Psicóticos (CID-10, F32.2), elaborado pelo médico psiquiatra que o acompanhava desde o primeiro afastamento.

Com uma série de sintomas relacionados à depressão, o médico psiquiatra prescreveu Amitriptilina⁹ 25mg, que deveria ser ingerida em doses gradativamente maiores, até chegar a

⁹ Medicamento antidepressivo com propriedades sedativas. O efeito sedativo é, geralmente, manifestado rapidamente. A atividade antidepressiva pode se manifestar dentro de três ou quatro dias ou pode levar até trinta dias para desenvolver-se adequadamente.

(http://www.medley.com.br/bula/cloridrato_de_amitriptilina_comp_rev.pdf, acesso em: 13/06/2009.

quatro comprimidos por dia. Guilherme, porém, não utilizou o medicamento, por achar que eles causariam dependência e por não concordar em ficar ‘calmo’.

Nesta época, Guilherme manifestava vários sintomas de depressão. Tinha dificuldades para iniciar o sono e acordava com frequência, pensando nos últimos acontecimentos de sua vida. Perdeu o interesse pelas tarefas rotineiras, a começar pelos cuidados com a higiene pessoal:

Ficava mais dias sem fazer barba, sem cortar cabelo. Eu tinha vontade de ficar em casa, quando eu saía de casa, eu saía contra minha vontade mesmo, era porque realmente precisava de sair. Ficava era em casa mesmo.

Em casa, não se interessava pelas tarefas do lar. Contava, inclusive, com a ajuda da mãe, que veio do interior, para cuidar de sua alimentação e da casa:

Eu ficava em casa deitado, dormia, passava do horário [de almoçar], eu perdia a fome, o corpo ficava ruim demais, só pedia cama. Minha mãe vinha, às vezes, arrumava a casa, fazia comida, eu não queria fazer nada. Tinha perdido o interesse nas coisas.

Guilherme não tinha interesse em sair de casa, nem com a companhia de seus poucos amigos, que iam visitá-lo e não conseguiam animá-lo:

Aqui, eu tenho muito poucos amigos, porque era de casa pro trabalho e do trabalho pra casa. Aí, no máximo, se eu tiver, é uns 10 amigos. Eles sempre iam lá em casa, eles me chamavam pra sair, eu não tinha vontade nenhuma de sair, queria ficar mais quieto em casa mesmo.

Neste período, Guilherme sentia-se solitário devido à ausência dos filhos após a separação. Esta situação veio agravar, segundo ele, o trauma decorrente do assalto:

Foi difícil porque cê já tá com um trauma desse de assalto, cê chegar em casa, igual eu procurava chegar em casa depois que eu largava serviço o mais rápido possível, antes dos meninos tarem dormindo. Aí, cê tá em casa, cê sozinho ali, a casa vazia, sem seus meninos...

No primeiro mês de afastamento, ainda chorava muito, não conseguia dormir nem comer direito. Chegou a emagrecer 10 quilos:

Emagreci uns 10 quilos. Não tinha fome, às vezes, comia qualquer coisinha ali, já tava bom, não dormia direito, muito preocupado com as coisas, como ia ficar minha situação, meus menino, minha família. Tudo que aconteceu, abalou demais! (...) Tava muito ansioso. Eu procurava ficar mais em casa, não saía, chorava muito, só chorar, chorar.

Ele chegou a pensar em suicídio algumas vezes, mas desistia ao pensar nos filhos e na falta que faria para eles:

Vinha [pensamentos suicidas], de vez em quando, vinha. Chegava uma tristeza, ali, em casa, à noite, mas aí, eu pensava: 'se eu morrer, os meninos vão sentir falta de mim, não vai ter ninguém pra ajudar eles.' O que segurava mais era meus meninos, que não me deixava aprofundar no assunto. Mas vinha na cabeça, sim. Mas eu tentava de toda forma, desviar o pensamento.

Guilherme pensou também em ir embora de Belo Horizonte, cidade vista até então como a oportunidade de 'fazer a vida' e ganhar dinheiro, pois sentia que todo o seu esforço no trabalho tinha sido em vão:

Meu pai queria que eu fosse embora, tava preocupado comigo. Eu até falei com o meu tio: "ah, eu tô com idéia de ir embora mesmo, porque o que eu tinha aqui, o que me segurava mesmo aqui, era minha família, né? Agora, ela tá descontrolada, eu tenho é que ir embora mesmo. A gente faz o que faz, trabalha em dois empregos, corre risco, foi tudo em vão.

Neste período, contava com o apoio de sua mãe e irmã, com as quais desabafava os problemas de sua vida, mas sentia falta dos filhos, considerados por ele o 'melhor apoio':

Sempre minha mãe ligava, minha irmã também. Aí, sempre desabafava, já melhorava um pouco. Mas, se os meninos tivessem comigo, o melhor apoio que eu tinha era eles. Se eles tivesse comigo lá dentro de casa.

Como não estava tomando medicamentos nem contando com ajuda psicológica, os sintomas da depressão não melhoravam. Ele, então, passou a se dedicar exaustivamente ao trabalho, auxiliando os pedreiros, que eram seus amigos, na construção dos seus barracões, na tentativa de cansar o corpo para que pudesse dormir e acalmar a mente, para não pensar no assalto, na separação e nos problemas com o sogro:

Eu enfrentava [o trabalho] mesmo. Eu utilizava meu serviço pra distrair. Tinha um pedreiro que era muito meu amigo, aí, a gente trabalhava bastante mesmo, pra chegar à tarde pra ver se dormia. Tinha um companheiro que trouxe do interior que

também era meu amigo, ficava comigo lá. Aí, era só trabalho. Trabalho, trabalho, trabalho. Nesse período que eu fiquei afastado, era só trabalho.

Quase não tinha tempo pra parar pra pensar, pra refletir em qualquer coisa. À noite, lavava vasilha, roupa, adiantava o almoço pro dia seguinte. E ia nessa. E foi até terminar os barraco lá, e retornei de licença pra trabalhar.

Eu procurava cansar bastante ali, na correria, pra chegar à noite e ter aquele cansaço de dormir. Eu já tava ruim pra dormir. Aí, depois, com o tempo, foi melhorando um pouco. Fui aceitando a situação, o que tava acontecendo, aí, fui melhorando um pouco.

Guilherme reprimia quaisquer pensamentos relacionados aos problemas que enfrentara. O trabalho exaustivo era uma forma de tentar bloqueá-los, mas as angústias e ansiedades relacionadas ao assalto apareciam com frequência na forma de pesadelos:

Eu sonhava, durante o dia não pensava nisso não, porque não tinha muito tempo pra pensar nisso não. Ocupava minha cabeça com o trabalho, de propósito. Aí, sonhava com assalto, tiro, tudo.

Estes sonhos perduram até os dias atuais e são frequentes as cenas de violência, nas quais está armado tentando reagir, inutilmente, a uma pessoa que atira contra ele:

Sempre meu sonho envolve tiro, arma de fogo, sempre tem. Até hoje. Antes [do assalto], eu lembro que até tinha [esse tipo de sonho], menos, bem menos. Esses dias mesmo, sonhei que eu tava nesse setor que eu tô hoje. Tem um viaduto lá em cima, tinha uns cara aproximando, atirando, eu saquei o revólver e nada, mascava, sempre masca nos meus sonhos. As munições sempre tão ruim, sempre masca. Aí, na hora do aperto, quando vai acontecer mesmo, eu acordo. Sempre voltado pra armamento, tiro. Quase todos os meus sonhos envolve isso. Acordo todo suado, assustado.

Além de se dedicar exaustivamente ao trabalho, todos os dias, Guilherme bebia uma dose de cachaça com um dos pedreiros, para conseguir relaxar e dormir:

Todo dia, tomava uma ‘pinguinha’ pra relaxar, antes de dormir. Tomava uma dose na hora da janta. O companheiro que tava comigo sempre bebia, aí, pra fazer companhia, tomava uma.

Uma das maneiras encontradas por Guilherme para ‘preencher o vazio’ provocado pela ausência da família, era buscar seu filho mais velho, na época com três anos, para fazer-lhe companhia, mesmo com a grande carga de trabalho nas construções:

Eu pegava um só, só o menino, que ficava mais tranquilo comigo. (...) Eu trazia ele pra, tipo assim, ficar perto dele, eu ficava mais tranquilo um pouco, né? Encher o vazio um pouco. Ele era um companheiro pra mim.

A companhia do filho era visivelmente um alívio para a solidão e tristeza que sentia:

Quando meu filho tava comigo, era bem mais tranquilo. Quando ele não tava, principalmente na hora de dormir... entrava dentro de casa, eu já tinha o costume de ir lá, cobrir, trocar fralda, mamadeira, tudo. Chegava à noite, cê olhava o quarto assim, aquele vazio. Não tinha essa função pra eu fazer. Era complicado.

Várias vezes, Guilherme afirmou que a separação foi a ‘gota d’água’ para o agravamento do seu adoecimento. O fato de ela ter ocorrido logo após o assalto fez com que ele ‘tirasse o foco’ desse acontecimento e das alterações que ele provocou em seu comportamento e se preocupasse mais em resgatar sua família.

Após 6 meses em casa, trabalhando arduamente, Guilherme foi retomando gradativamente sua vida. Pouco a pouco, voltou a se encontrar com amigos, a se interessar pelo mundo ao redor, a cuidar de si mesmo e de sua casa:

Tinha mais disposição pra sair, trabalhar, tinha interesse em sair com amigo, colega, arrumar minha vida, procurar uma outra companheira. E o médico psiquiatra falava: “vamos tentar trabalhar, bom que você distrai também. Caso você achar que não tá bom, você volta aqui.

De posse do laudo emitido pelo psiquiatra autorizando o retorno ao trabalho, Guilherme foi liberado pelo INSS a retornar à sua atividade. Considerava-se bem disposto para voltar ao trabalho.

Guilherme acredita que o tempo, o trabalho e os filhos foram os principais responsáveis pela sua recuperação. O trabalho com os barracos era, simultaneamente, distração e fuga. Ao mesmo tempo em que ficava na companhia de dois amigos de infância, cansava o corpo para que pudesse dormir e bloqueava seu pensamento, preocupando-se apenas com os problemas do cotidiano, ou seja, quaisquer pensamentos relacionados ao assalto, separação e conflitos com a família da ex-esposa eram distanciados. Com estes artifícios, conseguiu lidar com as ansiedades, frustrações e angústias de forma a conseguir reduzir a maior parte dos seus sintomas:

Ocupava minha cabeça com o trabalho, de propósito. Antes do trabalho, só chorava, não conseguia dormir, comer, nada. Depois, fui distraíndo, fiquei ocupado naquilo tudo. Aí, o tempo foi passando, fui interessando de novo *pelas coisas, fui aceitando a situação*.

De volta à empresa de vigilância, encontrou as dificuldades típicas de um empregado terceirizado. Como não havia vaga na última empresa em que trabalhava, ficou na reserva, disponível para trabalhar em qualquer setor em que houvesse necessidade. Poucos dias depois, surgiram duas vagas na empresa do posto C e ele foi escalado para retornar para ela.

Passou a trabalhar à noite, em um estacionamento, período que considera tranquilo por vários motivos:

Movimento de pessoas, à noite é bem menos, e o setor é um estacionamento. Os funcionários também, à noite, chegou 23hs, quase ninguém trabalha mais. E qualquer barulho também é menos pra você perceber algum barulho, algum arrombamento. Assim, dá pra você ouvir mais que de dia. E tipo assim, eu gosto de fazer minhas obrigações em casa, e durante o dia, eu tenho mais tempo pra fazer as minhas obrigações.

O setor no qual Guilherme está alocado, atualmente, contém várias características que auxiliam na sua readaptação ao trabalho de vigilância. Uma delas se refere ao mínimo contato com o público e à pouca movimentação de pessoas, sendo que estas são funcionárias da empresa. Tal situação lhe permite reconhecer todos que estão ao seu redor, diminuindo a tensão sofrida quando isto não ocorre. Outro fator importante é o trabalho em equipe. Guilherme se identifica com as pessoas da equipe dizendo que *‘(...) dá todo mundo certo, todo mundo quer trabalhar certo, fazer suas obrigações’*. Além disso, ele é solicitado a realizar rondas utilizando uma moto em determinados períodos durante a noite, o que possibilita que ele realize pausas para descanso e alimentação.

Apesar de estar trabalhando sob condições julgadas por ele próprio como favoráveis para seu restabelecimento, ainda se pode observar, em Guilherme, traços de excesso de atenção e tensão no seu dia a dia:

Fico sempre atento. Igual se vai abrir um portão eu procuro estar observando por um buraco, se tem alguém por trás do portão, pra saída e entrada de pessoas. É nesse sentido. Depois do acontecimento eu tenho mais atenção nessas partes (...) Não vejo outros vigilantes agindo com tanta atenção.

3. ANÁLISE DO CASO

Guilherme foi afastado do trabalho com os diagnósticos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (CID-10, F-43.1) e de Episódio Depressivo Grave Sem Sintomas Psicóticos (CID-10, F-32.2). O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) é o único em torno do qual existe consenso entre as correntes que compõem o campo da saúde mental no trabalho, em que os pesquisadores, independentemente de sua filiação teórica, admitem existir uma relação de causalidade direta com o trabalho. (Dorigo e Lima, 2007)

O manual de doenças relacionadas ao trabalho (2001) define o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (CID-10, F-43.1) como: “Uma resposta tardia e/ou protraída a um evento ou situação estressante (de curta ou longa duração) de natureza excepcionalmente ameaçadora ou catastrófica. E, reconhecidamente, causaria extrema angústia em qualquer pessoa.” (p. 181)

Tanto o manual quanto o CID-10 apontam para a influência de fatores externos no desenvolvimento deste transtorno, deixando claro que os antecedentes do sujeito e os fatores de personalidade são insuficientes para explicar os sintomas:

Fatores predisponentes, tais como certos traços de personalidade (por exemplo compulsiva, astênica) ou antecedentes do tipo neurótico, podem diminuir o limiar para a ocorrência da síndrome ou agravar sua evolução; tais fatores, contudo, não são necessários ou suficientes para explicar a ocorrência da síndrome. (CID 10, p. 181)

O manual acrescenta, baseando-se na CID-10, que uma das causas possíveis para o desenvolvimento de TEPT é a reação após assalto no trabalho. Figueira e Mendolowicz (2003) corroboram esta análise, quando afirmam que o TEPT “é um transtorno de ansiedade precipitado por um trauma” (p. 14), sendo “o principal transtorno psiquiátrico associado aos acidentes e violências” (p.12)

Os sintomas típicos do TEPT, segundo o CID-10, incluem: A revivescência repetida do evento traumático sob a forma de lembranças invasivas (“flashbacks”), de sonhos ou de pesadelos; ocorrem num contexto durável de “anestesia psíquica” e de embotamento emocional, de retraimento com relação aos outros, insensibilidade ao ambiente, anedonia, e de evitação de atividades ou de situações que possam despertar a lembrança do traumatismo. Os sintomas precedentes se acompanham habitualmente de uma hiperatividade neurovegetativa,

com hipervigilância, estado de alerta e insônia, associadas freqüentemente a uma ansiedade, depressão ou ideação suicida.

Guilherme apresentou os primeiros sintomas do TEPT na semana posterior ao assalto, agravando-se, gradativamente, até 15 dias após o evento. Nota-se que ele se retraiu em casa, privilegiando a companhia dos filhos, passou a evitar todos os pensamentos e lembranças relacionados à experiência, e a partir desta época, começou a sonhar com assaltos e situações diante das quais fica impotente, sem poder de reagir ou se defender. Quanto mais tentava conter as lembranças do evento, mais estes conteúdos apareciam na forma de pesadelos. Começou também a ter dificuldades em iniciar o sono, além de despertar à noite, atormentado por pensamentos relacionados aos acontecimentos recentes. Sentia-se ansioso e chegou a pensar em suicidar-se, embora não tenha chegado a tentar.

Além disso, Guilherme passou a viver em constante tensão, mostrando-se continuamente alerta, frente às situações rotineiras do seu cotidiano. Imediatamente após o assalto, instalou um sistema de segurança em casa, com o qual monitorava o portão de entrada. Fazia ronda antes de entrar em casa, verificando se havia alguma alteração nas ruas vizinhas, e prestava atenção nos carros estacionados próximos à sua casa, procurando ‘suspeitos’.

Conforme salientado por Dorigo e Lima (2007), este transtorno já é estudado desde Freud, quando analisou as neuroses de guerra. No fim da primeira guerra mundial, muitos combatentes apresentavam quadros cujas origens ainda eram desconhecidas. Os médicos militares tratavam estes quadros como decorrentes de alterações no sistema nervoso, mas os exames negavam quaisquer alterações físicas. Ao analisar estes soldados afastados, Freud percebeu sua resistência em retornar às antigas funções militares e interpretou isso como uma defesa, ou seja, como uma forma de se resguardar das conseqüências de suas condições de trabalho:

Foi fácil, portanto, inferir que a causa imediata de todas as neuroses de guerra era uma inclinação inconsciente, no soldado, para afastar -se das exigências perigosas ou ultrajantes para os seus sentimentos, feitas sobre ele pelo serviço ativo. Medo de perder a própria vida, oposição à ordem de matar outras pessoas, rebeldia contra a supressão implacável da própria personalidade pelos seus superiores – eram estas as mais importantes fontes afetivas das quais se nutria a tendência para escapar da guerra (Freud apud Dorigo e Lima, 2007, p. 65).

Freud chegou a sugerir um tratamento com eletrochoque que, na época, parecia eficiente; porém, após esse tratamento, ao tentar fazer com que os soldados retornassem para

a guerra, os sintomas iniciais reapareciam, sugerindo que a realidade de trabalho era o fator principal na origem do quadro. Ele compreendeu, ainda, a singularidade do desenvolvimento do quadro entre os soldados, já que nem todos os combatentes apresentaram tal transtorno, não descartando, portanto, que os traços pessoais, advindos da história de vida de cada um, participam da gênese dessa patologia, embora não sejam seus maiores determinantes. (Freud apud Dorigo, 2009).

O fato de Guilherme ter sido diagnosticado também com o quadro de episódio depressivo corrobora a afirmação de Meshulam-Werebe, Andrade e Delouya (2003) de que a depressão está entre as alterações psíquicas mais comuns que ocorrem após eventos estressantes de natureza excepcionalmente ameaçadoras. Margis (2003), ao estudar a comorbidade no Transtorno de Estresse Pós-Traumático, também constata que “os transtornos afetivos – depressão, distímia e mania, são duas a três vezes mais prováveis de ocorrer em pessoas com TEPT, quando comparadas a pacientes sem o transtorno.” (p. 17)

Os principais sintomas do Episódio Depressivo (F-32), segundo o CID-10, são: Rebaixamento do humor, redução da energia e diminuição da atividade, alteração da capacidade de experimentar o prazer, perda de interesse, diminuição da capacidade de concentração, associadas em geral a fadiga importante, mesmo após um esforço mínimo. Observam-se em geral problemas do sono e diminuição do apetite. Existe quase sempre uma diminuição da auto-estima e da autoconfiança e freqüentemente idéias de culpabilidade e ou de indignidade, mesmo nas formas leves.

O diagnóstico de Episódio Depressivo Grave sem Sintomas Psicóticos (CID 10-F32.2), segundo o CID-10, é definido como: “o episódio depressivo, onde vários dos sintomas são marcantes e angustiantes, tipicamente a perda da auto-estima e idéias de desvalia ou culpa.”

Fragilizado pelos sintomas decorrentes do desenvolvimento do TEPT, Guilherme rapidamente apresentou os primeiros sinais de depressão: perda de apetite e emagrecimento excessivo, choro constante, insônia, perda de interesse pelas pessoas e situações do seu cotidiano, negligência na higiene pessoal e cuidados com a casa, redução da energia e diminuição da atividade, fadiga constante, ao ponto de não querer se levantar da cama.

A evolução dos sintomas do transtorno de estresse pós-traumático e da depressão apresenta-se diretamente relacionada ao desenrolar dos acontecimentos após o evento traumático. Esses eventos são caracterizados pela inexistência ou ineficácia da rede de suporte

social, sendo que este suporte, após eventos traumáticos, é um dos fatores que influenciam o desenvolvimento do transtorno de estresse pós-traumático (Kapczinski & Margis, 2003), ao influenciar na minimização ou na potencialização dos sintomas (Halpem et al, 2005). A vítima que possui um forte sistema de suporte social tem uma maior chance de superar o trauma, sendo a qualidade do suporte social está associada a resultados positivos na saúde mental dos indivíduos (Halpem et al, 2005).

Valla (apud Rodrigues e Madeira, 2009) salienta que o apoio social exerce uma função mediadora, permitindo que as pessoas contornem a possibilidade de adoecer como resultado de determinados eventos da vida, tais como a perda do emprego, o falecimento de uma pessoa querida, entre outros.

Barrios (apud Rodrigues e Madeira, 2009) salienta que o apoio social exerce efeitos diretos e indiretos na saúde e no bem-estar do indivíduo. Os efeitos diretos são aqueles em que o apoio social tem um efeito evidente sobre o bem-estar, independentemente do nível de estresse sobre o qual o sujeito está submetido, estando o apoio social linearmente relacionado à saúde: quanto maior o nível do apoio social, menor o mal-estar psicológico e, quanto menor o grau de apoio social, maior a incidência de transtornos, independentes dos acontecimentos de vida estressores. Os efeitos indiretos são aqueles em que o apoio social funciona como um moderador de outras forças que influenciam o bem-estar, e quando as pessoas estão expostas a estressores sociais, estes tenderão a exercer efeitos negativos, principalmente nas pessoas cujo nível de apoio social é baixo.

Existem evidências de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde e acelera os processos de cura, ou seja, é geradora de saúde (Sluzki apud Halpem et al, 2005). A ausência de sistemas de apoio social e de coesão comunitária é um fator de risco que pode aumentar a severidade dos sintomas. A vítima sai-se melhor quando recebe apoio imediato e é capaz de compartilhar seu medo e raiva para familiares ou para a equipe de saúde (Jacobson e Jacobson apud Halpem et al, 2005). Além disso, o suporte social é fator importante na evolução de diversos transtornos psiquiátricos/ psicológicos, tais como a depressão, a ansiedade e a esquizofrenia, podendo estar associado ao desenvolvimento e tratamento desses problemas. Quanto menor for o apoio social, maior será a incidência de transtornos. Este, quando ausente, revela-se um fator de

risco para o desenvolvimento de transtornos mentais (Barrón apud Rodrigues e Madeira, 2009).

No caso de Guilherme, podemos perceber a princípio, o apoio da empresa, que o afastou do trabalho imediatamente, e disponibilizou, através do convênio atendimento psicológico que possivelmente o ajudou naqueles primeiros dias. No entanto, esse atendimento não teve continuidade, deixando-o novamente sozinho, tendo de se apoiar nos seus próprios recursos para lidar com a situação.

Em contrapartida, ao retornar ao trabalho, foi alocado em um setor com características incompatíveis ao seu restabelecimento. Acostumado a trabalhar em setores com menor movimentação de pessoas, justamente após o assalto, foi colocado em um posto de grande movimento, portando arma de fogo. Neste período, ele estava fragilizado, ainda sofrendo os impactos da situação traumática vivida. Foi também nesta época que começaram a se acentuar as alterações em seu comportamento, no que tange à sensação perseguição, o excesso de atenção e cuidado ao lidar com pessoas. Além disso, passou a se sentir mais inseguro, e o fato de ser alocado em um setor que o deixava em contato direto com a população fez com que se sentisse ainda mais exposto.

Em um estado de hipervigilância, Guilherme sentiu perder o autocontrole. Ele passou a temer suas reações, já que se sentia constantemente sobressaltado quando encontrava, na multidão, alguém semelhante aos assaltantes ou quando acreditava que alguém pretendia roubar sua arma. Como estava armado, temia pela sua vida e pela vida das pessoas ao seu redor.

Outro ponto que merece destaque no que tange à rede de apoio a Guilherme refere-se à perda do convívio diário com sua família, em especial, com seus filhos, considerados por ele, *“o melhor apoio que eu poderia ter”*.

A separação foi posta por ele como a *“gota d’água”* para o agravamento do seu adoecimento. Podemos entendê-la, analisando seus relatos, como a perda do último apoio, com o qual poderia contar para se restabelecer. Seus filhos, desde as primeiras entrevistas, aparecem como o principal motivador de sua vida. O trabalho, que ocupa um lugar central na sua história, representa, sobretudo, um meio para oferecer conforto e futuro aos filhos.

Assim, no momento em que lutava para se restabelecer, Guilherme viu sua mulher e seus filhos irem embora, de maneira abrupta e inesperada. Naquele momento, ele se viu realmente sozinho. Não é de se espantar, portanto, que ele tenha tido a sensação de que todo o

seu esforço tinha sido em vão, chegando a pensar na idéia de voltar à fazenda, o que, para ele, significaria desistir dos seus sonhos:

Ah, eu tô com idéia de ir embora mesmo, porque o que eu tinha aqui, o que me segurava mesmo aqui, era minha família, né? Agora, ela tá descontrolada, eu tenho é que ir embora mesmo. A gente faz o que faz, trabalha em dois emprego, corre risco, foi, tudo, em vão.

O suporte social, mais precisamente o suporte familiar, é muito importante para a manutenção da saúde mental, considerado como amortecedor das consequências de diferentes acontecimentos traumáticos na vida dos indivíduos (Baptista apud Rodrigues e Madeira, 2009). É importante salientar que logo após a separação houve uma rápida evolução dos sintomas, culminando no adoecimento do vigilante.

Sem o suporte familiar, Guilherme foi criando novas redes de apoio, estreitando a convivência com amigos de infância e com sua mãe, e adotando novas formas de convivência para resgatar o convívio com os filhos. Além desse movimento de reestruturação da sua rede social, o trabalho que passou a exercer, ao construir os barracões, era cheio de significados, pois representava a possibilidade de garantir uma renda-extra que se destinaria ao conforto dos seus filhos, além de se configurar como uma estratégia para exaurir seu corpo, obrigando-o a dormir, e permitindo-lhe reprimir suas lembranças que, naquele momento, causar-lhe-iam um sofrimento além do que conseguiria administrar.

Desta forma, ele foi gradativamente se reestruturando, e com o tempo, passou a sentir menos os impactos do assalto e da separação, retomando a sua vida.

Guilherme não apresenta mais os sintomas de depressão, mas ainda é possível observar traços residuais do TEPT em seu comportamento. A tensão, ou excesso de atenção, segundo ele, nas situações corriqueiras do dia a dia, a desconfiança, temendo estar sendo seguido em locais de grande circulação de pessoas, a aguda percepção de vulnerabilidades nas experiências banais do cotidiano e os constantes pesadelos relacionados a assaltos, nos levam a concluir que, apesar de aparentemente bem adaptado a sua rotina, Guilherme ainda conserva alguns dos sintomas do transtorno, mas que, considerando as suas condições atuais, não causam mais prejuízo e sofrimento a ele ou às pessoas ao seu redor. Mas é claro que isto não invalida a necessidade de um acompanhamento do seu caso, nem de uma atenção especial às suas condições de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso entender, seria um equívoco investigar o desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático tendo como base somente o assalto de que nosso sujeito foi vítima, ou somente suas características individuais (com uma possível atribuição à sua fragilidade psíquica). Estabelecer o nexos entre uma afecção, seja ela física ou mental, e o trabalho sem cair em algum tipo de viés, seja ele psicologizante, biologizante ou sociologizante, parece ser uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores. (Lima, 2006)

Ao analisarmos a trajetória de Guilherme, seguimos a proposta de Le Guillant (2006), que é a de relacionar o trabalho com toda trajetória do sujeito, seu modo de julgar e de conduzir sua vida, seu sistema de valores e a representação de mundo forjada por esta história. Por isso, a partir da análise de sua história, seus valores e sua trajetória profissional, procuramos identificar os mediadores e estabelecer o nexos causal entre as suas vivências, características individuais e o seu adoecimento.

Após resgatar a história de Guilherme em um âmbito geral, tentamos compreender como era organizado o trabalho no setor em que foi afastado, não somente pela sua perspectiva, mas também através do olhar dos vigilantes que atualmente trabalham neste setor e convivem diariamente com a tensão decorrente do risco de serem assaltados. Desta forma, fomos apresentados às condições de trabalho precárias a que estão submetidos, além de uma atividade de trabalho monótona e as situações de risco que enfrentam no trajeto de ida e volta do trabalho. Os relatos destas entrevistas contribuíram para a compreensão do setor, mas faltou-nos realizar uma Análise Ergonômica do trabalho, que nos permitiria confrontar as entrevistas com as observações de campo, além de compreendermos o trabalho real, as estratégias e os conflitos vivenciados pelos vigilantes neste setor.

Procuramos abordar, embora sem conseguirmos aprofundar, os problemas enfrentados pelos vigilantes no que tange à terceirização de mão de obra, que implica a mudança repentina de setores e, conseqüentemente, da atividade. Desta forma, foi possível apresentar, embora resumidamente, as condições precárias de trabalho e os inúmeros conflitos com os quais esses profissionais lidam no dia a dia, seja com clientes, superiores ou colegas. Não foi possível, no entanto, abordar de forma mais exaustiva nesta monografia os temas que perpassam esta problemática, tais como a falência fraudulenta de empresas do setor, que implicam o não

cumprimento dos direitos trabalhistas, a postergação das férias e o difícil relacionamento entre empresas de terceirização e vigilantes, embora todas estas temáticas tenham surgido durante as entrevistas.

Assim como Vieira (2008), conseguimos evidenciar neste estudo a importância do suporte psicossocial ao trabalhador, fator este que contribui para a preservação da saúde mental, através da investigação da relação entre a cronificação dos sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e de Depressão com o baixo suporte social no período imediatamente após o assalto, suscitados pela separação conjugal, mudança de setor de trabalho e conflitos familiares. Desta forma, concordamos com Mingote e cols. (2001) quando apontam que o baixo suporte social é um dos fatores de risco de cronificação e desenvolvimento do transtorno.

Tivemos, portanto, a oportunidade de estudar o adoecimento em um contexto de trabalho, revelando seu caráter multicausal. Tentamos, desta forma, através de uma abordagem que privilegiava o singular, conhecermos em profundidade os nexos entre o adoecimento, o sujeito e o trabalho.

Entre as diversas limitações deste estudo, podemos dizer que, por se tratar de um Estudo de Caso, não podemos generalizar os resultados encontrados para a categoria de vigilantes como um todo, embora muitos dos problemas levantados façam parte do cotidiano dos trabalhadores desta categoria. Além disso, este estudo poderia ter contribuído mais para a compreensão do TEPT se tivéssemos entrevistado alguns dos colegas de Guilherme, também vítimas de assaltos neste setor, mas que não desenvolveram o transtorno.

Acreditamos que estudos como este podem auxiliar profissionais da saúde e gestores a lidar com trabalhadores acometidos pelo TEPT, principalmente, quanto à adoção de medidas preventivas e de acolhimento, compreendendo os cuidados necessários para conter o agravamento dos sintomas. Concordamos com Lima (2006) quando afirma que propor medidas preventivas nos ambientes de trabalho é o principal objetivo daqueles que lidam com a doença em todas as suas formas de manifestação.

Ao realizarmos este estudo, nossa intenção foi a de contribuir para as discussões sobre um tema, tão presente nos contextos de trabalho, e suscitar a crítica quanto às condições e organização de trabalho, principalmente na categoria de vigilantes, que podem estar relacionadas ao adoecimento dos trabalhadores. Infelizmente, o Transtorno de Estresse Pós-

Traumático é um problema cada vez mais frequente nos contextos de trabalho e ainda negligenciado pelas empresas e profissionais de saúde.

Deixamos um convite para novas investigações no campo de saúde mental e trabalho, para que possam contribuir na busca de soluções que melhorem as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- DORIGO, J. N. Trabalho e o adoecimento mental: Uma análise no setor de transporte coletivo urbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- DORIGO, J. N.; LIMA, M.E.A. O transtorno de estresse pós-traumático nos contextos de trabalho: reflexões em torno de um quadro clínico. *Caderno de Psicologia Social do Trabalho*. Volume 10, n. 1, p. 55-73. São Paulo, Jun/2007.
- FIGUEIRA, I; MENDLOWICZ, M. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 25, suplemento I, p. 12-16, Junho/2003.
- HALPEM et al. Perfil Social de Familiares de Pacientes com Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Um Estudo Exploratório. *Pensando Famílias*, p. 45-55, Jun/2005.
- KAPCZINSKI, F., MARGIS, R. Transtorno de estresse pós-traumático: critérios diagnósticos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 25, suplemento I, p. 3-8, Junho/2003.
- LE GUILLANT, Louis. O Caso de Marie L. IN: LIMA, Maria Elizabeth Antunes (org.) *Escritos de Louis LE GUILLANT da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução: Maria Elizabeth Antunes Lima. São Paulo : Ed. Vozes, 2006.
- LIMA, M. E. A. A questão do método em psicologia do trabalho. In: Goulart, I. B. (org) - *Psicologia Organizacional e do Trabalho - teoria, pesquisa e temas correlatos*. Editora Casa do Psicólogo, SP, 2002a.
- _____, M. E. A. A polêmica em torno do nexos causal entre distúrbio mental e trabalho. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 10, n. 14, p. 82-91, dezembro 2003.
- _____, M. E. A. Os Problemas de Saúde na Categoria Bancária: Considerações acerca do estabelecimento do nexos causal. *Boletim da Saúde*. Porto Alegre, vol. 20, número I, jan/jun 2006.
- MARGIS, R. Comorbidade no transtorno de estresse pós-traumático: regra ou exceção? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 25, suplemento I, p. 17-20, Junho/2003.
- MESHULAM-WEREBE, D.; ANDRADE, M. G. O.; DELOUYA, D. Transtorno de estresse pós-traumático: o enfoque psicanalítico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, vol. 25, suplemento I, p. 37-40, Junho/2003.
- Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. *Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.
- MINGOTE, J. C., et. al. Tratamiento integrado del trastorno de estrés postraumático. *Aperturas Psicoanalíticas - Revista Internacional de Psicoanálisis*, n.8, julio, 2001. Disponível em: <http://www.aperturas.org/articulos.php?id=0000161&a=Tratamiento-integrado-del-trastorno-de-estres-postraumatico>, acessado em 10 de Agosto de 2009.

Organização Mundial da Saúde. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas* (D. Caetano, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RODRIGUES, Vera B. ; MADEIRA, Milton - Suporte social e saúde mental: revisão da literatura. Revista da Faculdade de Ciências da Saúde. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009.

VIEIRA, C. E. C. *Assédio: do moral ao psicossocial*. Curitiba: Juruá, 2008.